

## **FREESTYLE: MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICO-CULTURAL**

Tariana Leal Falciroli<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Alfenas  
tariana\_leal@hotmail.com

Rosângela Rodrigues Borges  
Universidade Federal de Alfenas  
rosangela.borges@unifal-mg.edu.br

**Resumo:** O presente trabalho é fruto de uma busca em abordar questões referentes ao ensino de Língua Materna nas escolas. Para abordar esta temática, configuramos como objeto o *freestyle*, uma arte urbana, uma modalidade do movimento *Hip Hop* que consiste em batalhas de MCs (Mestres de cerimônia), em que estão presentes a rima e a improvisação dos argumentos. Com isso, analisaremos o *freestyle* em sua prática, buscando estabelecer uma relação entre ele, os seus produtores e o ensino, com a intenção de usá-lo para aproximar jovens quando se trata do ensino de Língua Materna.

**Palavras Chave:** aprendizagem; ensino; Língua Materna.

**Resumen:** El presente trabajo parte de una búsqueda en abordar las cuestiones referentes a la enseñanza de la lengua materna en las escuelas. Para abordar el tema, el objeto es el *freestyle*, un arte musical urbano, es decir, una modalidad del *Hip Hop*, que significa estilo libre y consiste en trabar un duelo entre MC's (maestros de ceremonia), que se caracteriza por la rima y la improvisación. De este modo, se tiene como objetivo analizar el *freestyle*, a fin de introducir a los jóvenes, a quienes esto ritmo cautiva, en el entorno de la enseñanza de lengua materna.

**Palabras clave:** aprendizaje; la enseñanza; la lengua materna.

### **Introdução**

As pessoas se concebem, isto é, se constituem por meio da linguagem aqui entendida como interação. No entanto, desde a Antiguidade, a sociedade vem criando níveis de padrões para essa língua, determinando que língua, normalmente adotada por um

---

<sup>1</sup> Apoio: Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes – Letras/Prodocência.

grupo menor de usuários, é considerada padrão, devendo, por isso, ser adotada como modelo. Tal preceito faz também com que se criem padrões de falantes, delimitando fronteiras entre aqueles que usam a língua padrão daqueles que usam determinadas variantes linguísticas. Halliday (1974) já apontava que estabelecer que uma língua é melhor do que a outra apenas significa dizer que quem usa a língua padrão é melhor do outro, isto é, tais enunciados trazem em si o paradigma de que há pessoas melhores do que as outras por usarem uma língua considerada padrão, assim nomeada por um determinado grupo de pessoas.

Como esses discursos veiculam também (e principalmente) dentro da escola, diversas manifestações culturais são postas à “margem” da sociedade, sendo estas tachadas de “manifestações menores”. Como ocorre com a língua, também na arte, na música, por exemplo, são diversas as manifestações culturais as quais são produzidas por diferentes grupos na sociedade.

Todavia, do mesmo modo que se define um fator determinante, baseado apenas na norma culta e nos critérios de beleza e de correção estabelecido por gramáticos, intelectuais e escritores, transfere-se esse mesmo conceito/fator de “definição de qualidade” para outras manifestações culturais que não são as das classes mais favorecidas. Negam-se manifestações culturais advindas das classes menos favorecidas na medida em que definem-se padrões de beleza e de pureza e, portanto, de exclusão e estigmatização de determinadas expressões culturais. Tendo como parâmetro esses padrões, impõe-se a existência - no sentido de que se deve valorizar e respeitar - apenas da arte clássica, bela, pura em contraposição a uma arte menor, a arte das comunidades, a arte do povo, num processo semelhante ao que acontece com a língua portuguesa, na modalidade padrão e suas variantes.

Adentrando na questão do ensino de Língua Materna nas escolas, em especial nas escolas públicas, a língua portuguesa acaba se constituindo para os alunos uma língua estrangeira, resultado não só deste padrão que a sociedade reproduz como sendo a única e a correta. Devido a essa postura, quase sempre se confunde o ensino de língua portuguesa com o ensino de gramática. Tal prática discursiva e de ensino acaba por definir que os alunos que não fazem uso da língua padrão não são usuários nem conhecedores da Língua Materna. Daí a ideia de que, contraditoriamente, a Língua Materna lhes parecer estrangeira, pois o ensino centra-se quase que exclusivamente na dissecação da gramática em suas menores partes, isto é, o ensino volta-se, em sua maior parte, para a estrutura da língua e as leis que a regem de acordo com a norma padrão.

Ao adotar esse único padrão e ao desconsiderar o termo linguagem como interação social, o ensino de Língua Materna nas escolas acaba se tornando muito nebuloso para a compreensão dos alunos, especialmente quando os objetos de estudo distanciam-se sobremaneira da realidade deles. Há de se ressaltar que muitos alunos tiveram pouco ou quase nenhum acesso a bens culturais tidos como eruditos, usados como objeto de ensino, em aulas de Língua Portuguesa.

Nesse contexto, a relação escola – aluno se torna dificultosa, uma vez que o aluno é levado a abandonar sua historicidade, o aprendizado que teve na comunidade na qual está inserido. Ferrarezi Jr, ao abordar problemas na relação escola – aluno – ensino de língua, pontua que

[...] quando a criança chega à vida escolar, ela o faz contando com esse cabedal de sinais e sentidos que funcionam como seu meio básico de representação. Ela “enxerga” o mundo por meio de conceitos que já desenvolveu e se expressa

com palavras que são associadas a sentidos que representam esses conceitos. Entretanto, a escola utiliza muitas dessas mesmas palavras com sentidos diferentes daqueles que a criança já conhecia até ali, acarretando problemas diversos de comunicação entre a escola e a criança. (2008, p. 28)

Na verdade, essa discussão a respeito do ensino de Língua Materna já vem de alguns anos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1999 já propõem uma ampla reflexão sobre o ensino-aprendizagem de Língua Materna no Brasil. Nesses documentos, há pressupostos teóricos de diferentes áreas da Linguística, enfatizando a necessidade de se repensar e de se (re)delinear o ensino de produção de leitura e de texto nas escolas.

Um ponto a ser destacado refere-se ao fato de o usuário da língua a utilizar na perspectiva de linguagem como interação (KOCH, 1997), aí configurando a existência não apenas de uma língua vista pela escola como estrutura/ regras gramaticais, mas de uma língua(gem) por meio da qual o usuário da língua se constitui social, ideológica e historicamente. Nesse sentido, adota-se neste trabalho a concepção de sujeito cuja identidade é instável, fluida e cambiante, (HALL, 2000) inserido na sociedade pós-moderna.

Partindo dessa problemática da relação aluno, escola e língua (linguagem), e diante das identidades culturais híbridas e diversificadas, buscamos no *freestyle*, a possibilidade de trabalhar com ensino de Língua Materna, na perspectiva de linguagem como interação, como constituinte do sujeito. O Freestyle configura-se como uma modalidade do movimento *Hip Hop*, isto é, pode ser definido como uma manifestação linguístico-cultural de jovens. No *freestyle*, a rima e a improvisação são o foco, sendo considerado vencedor aquele que articula melhor os argumentos.

Nesse sentido, concebe-se, neste trabalho, que o Freestyle, um evento de letramento, é construído pela relação entre as

estruturas linguísticas veiculadas em setores da sociedade. Sendo uma manifestação linguístico-cultural, que expressa a identidade de uma parcela da sociedade, propõe-se, neste trabalho, a utilização desse gênero para o ensino de língua portuguesa nas escolas assumindo, mais uma vez, a concepção de linguagem como interação verbal e não como expressão do pensamento ou como mecanismo de comunicação (KOCK, 1997).

Por meio da linguagem produzida nesta arte, vê-se uma forma de trabalhar a linguagem na escola através de algo que faça parte do dia a dia do aluno, não deixando de lado a norma culta, mas trabalhando as variantes existentes na Língua Materna e, ao mesmo tempo, valorizando as manifestações culturais que o constituem como sujeito, como cidadão.

## **A Língua Materna**

Para abordar o *freestyle* como manifestação linguística e adotando-o como um possível objeto de ensino em aulas de Língua Materna, vamos primeiramente buscar definir o conceito de língua, visto que existem muitas discussões a esse respeito e que a concepção de língua adotada pelo professor é que irá definir e influenciar as suas práticas em sala de aula.

Partimos do conceito de língua dado por Ferrarezi (2008, p. 24), o qual afirma que “[...] Língua Materna é aquela língua natural que o falante aprende como sua primeira língua, como seu primeiro sistema de representação.”

Sendo então a língua o primeiro sistema de representação do falante, Ferrarezi Jr (2008) salienta que

[...] a língua apresenta uma dimensão representativa, "instrumental". Mas também tem uma dimensão de espaço cultural, em que os sentidos são compartilhados em complexas



interações culturalmente dirigidas, entre os falantes dessa língua. A língua assim vista é, portanto, ao mesmo tempo, sistema, instrumento de representação (e criação) e espaço de interação. (2008, p. 25)

Assim, podemos perceber que a língua já não é mais vista como aquele conjunto de regras que o aluno vai decorar, as quais, ao longo da sua vida, serão esquecidas. Koch (1997) e Travaglia (2004, 2006), por sua vez, indicam a existência de três concepções de linguagem: a) linguagem como representação do mundo; b) linguagem como instrumento de comunicação e c) linguagem como interação.

Assumindo o conceito proposto por Koch e Travaglia, e, em parte, por Ferrarezi Jr, que acrescenta a dimensão cultural, assumimos o conceito de língua como um objeto de interação entre os falantes, que buscam sentido para esta língua conforme suas referências, dentro do contexto no qual estão inseridos. Compreendemos que o falante a modifica conforme suas necessidades de interação, fato que pode levar o usuário da língua a, consciente ou inconscientemente, fazer uso das variantes linguísticas como forma de estabelecer uma interação com seus interlocutores, isto é, tendo em vista a audiência do seu texto (HALLIDAY, 1974). Nesse sentido, Ferrarezi Jr (2008), salienta que a língua é matéria viva. Ora, se a língua é matéria viva, não há como essa mesma língua manter-se estática e inerte, constituindo-se apenas um conjunto de regras prescritas, visto que vai se modificando conforme os falantes a usam.

Os PCN (1999) já preconizam a introdução do tema variantes linguística no ensino de Língua Materna. Entretanto, essa inserção na prática não se efetiva, pois, o professor, calcado na ideia de que língua é uma só, isto é, a língua de Camões, a língua dos clássicos, não só desconsidera a variante linguística de que o aluno

faz usa, mas também assume práticas de ensino por meio das quais faz com o que o aluno simplesmente substitua a sua língua pela língua ensinada na escola, num processo de desconstrução da identidade desse aluno (HALL, 2000), inserido numa sociedade multicultural. Apresenta e perpetua, pois, a ideia de só existe uma língua pura e bela e que as variantes linguísticas não são exemplos de manifestações linguísticas e culturais de uma parcela da comunidade. Nesse sentido, é comum ver um professor pedindo, por exemplo, para que os alunos “corrijam” a fala do Chico Bento, personagem da Turma da Mônica, criação de Maurício de Sousa, por exemplo, passando os enunciados proferidos por ele, na variante usada por ele, para a língua padrão, justificando que sua fala é errada e carregada de desvios linguísticos.

Considerando que é por meio da linguagem que o homem se constitui (FIORIN, 1997) e que o *freestyle* configura-se como uma manifestação linguístico-cultural, pois faz parte do dia a dia da sociedade, este trabalho o adota como possível objeto de ensino de Língua Materna na medida em que as escolhas e combinações lexicais utilizadas pelos enunciadores dessa modalidade de *Hip Hop* são textos orais que circulam em contextos no quais muitos alunos da rede pública se inserem.

### ***Freestyle*: manifestação linguístico cultural**

O *freestyle* tem sua tradução literal como estilo livre, mas define-se como uma modalidade do movimento *Hip Hop*, que consiste em batalhas de *MC's* (Mestres de Cerimônias) em que a rima e a improvisação são o foco dos enunciadores. Na disputa, isto é, no embate discursivo, entram em jogo a construção de enunciados dinâmicos inseridos numa tensão discursiva e produtiva, a relação dos participantes com o público, envolvendo escolhas e

combinações lexicais, além do carisma e da análise constante do outro, incluindo aí os movimentos, as rimas, a interação da plateia com esse outro, o ritmo e a força argumentativa dos enunciados.

Para as batalhas, regras são estabelecidas. Dentre elas, citamos:

- a) os MC's se enfrentam aos pares;
- b) toda batalha ocorre em dois tempos de 40 segundos;
- c) o vencedor é aquele que articula melhor os argumentos;
- d) o júri para definição de quem é o ganhador é constituído pela plateia;
- e) a plateia manifesta-se participando ou não da batalha por meio de gritos, palmas, gestos, etc;
- f) não há julgamento formal, com atribuição de escores;
- g) define-se o ganhador pela interação que se estabelece entre ele e a plateia;
- h) não há qualquer tipo de campanha prévia ou contato com a plateia, isto é, a batalha acontece e é julgada/avaliada ao mesmo tempo;

Nesta arte, o participante, ao improvisar e elaborar rimas, materializa no seu discurso o seu conhecimento de mundo, dele se valendo para a elaboração de diferentes enunciados conforme percebe a resposta do seu interlocutor. Ao usar tal estratégia, o enunciador insere na batalha seu conhecimento a respeito da língua e seu conhecimento de mundo, sua historicidade, tendo em vista as condições de produção que determinam o seu dizer (BRANDÃO, 2004).

É nesse contexto que justificamos a utilização dessa manifestação linguístico-cultural como objeto de ensino de língua, conforme os PCN preconizam ao indicarem que a língua é “ um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (PCN, 1999, p. 23).



Partindo dessas reflexões e conceitos apresentados neste artigo sobre o que vem a ser a língua(gem), o *freestyle*, consideradas as condições de produção nas quais os MC's e a plateia se inserem, constitui-se um evento de letramento por meio do qual diferentes saberes circulam, como veremos a seguir.

### ***Freestyle* e ensino**

Já falamos aqui qual a definição de língua adotada para este trabalho e com isso adotamos o *freestyle* não apenas como uma arte urbana, mas como manifestação linguístico-cultural de jovens, um evento de letramento. Nesse sentido, conforme Kleiman (2007, p. 4), a escola, sendo agência de letramento por excelência, pode e deve criar “criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas” assumindo “os múltiplos letramentos da vida social” o que pode, em parte, responder à seguinte pergunta: mas qual é a relação do *freestyle* com o ensino?

Ora, se falamos que o ensino da língua envolve também as variantes linguísticas, então o *freestyle* se apresenta como uma forma alternativa, que vai além da concepção tradicional da língua, na medida em que trabalha a língua em uma perspectiva funcional, envolvendo aspectos linguísticos e sociais, a partir da perspectiva dos multiletramentos (COPE; KALANTIZ, 2009a). Esse conceito, cunhado pelo Grupo de Nova Londres (ROJO, 2009), conceitua multiletramentos como práticas de letramento que se constituem de uma multiplicidade de linguagens na produção de textos multimodais e de pluralidade e diversidade cultural constitutivas dos sujeitos intermediados por esses novos textos. (Grupo de Nova Londres apud ROJO, 2009). Cope e Kalantiz (2009a) pontuam que há diferença entre o que se aprende na escola ou no cotidiano. Nesse

sentido, sinalizam a necessidade de a escola trabalhar compartilhando a diversidade do mundo global e digital, criando contextos de aprendizagem mais próximos da realidade dos alunos.

O *freestyle* no ambiente em que é produzido e a forma como é produzido pode ser um instrumento para práticas de multiletramentos, uma vez que os enunciadores não apenas usam de seu conhecimento de mundo para a produção de efeitos de sentidos, mas também apoiam-se na multiculturalidade e na diversidade linguística para produzirem enunciados nas batalhas, com o objetivo de convencer a plateia a aderir ao seu discurso, à sua voz.

Um texto é muito mais do que apenas sinais gráficos ou expressões sonoras. É nesse sentido que Oliveira e Rios (2007, p. 90) alertam que

Assim, ao trabalhar determinado texto em sala de aula, é preciso que se levem em conta os fatores sociais envolvidos em sua produção, circulação e recepção, as motivações pragmáticas que o tornam uma manifestação sócio-histórica, as relações intertextuais, o diálogo que trava com outras expressões verbais circulantes na comunidade linguística, enfim, todas as instâncias envolvidas nessa produção verbal. (p. 90)

Nesse sentido, a análise dos marcadores discursivos, a força argumentativa dos enunciados, as escolhas e combinações lexicais, a intenção dos enunciadores, bem como a análise da intertextualidade presente na oralidade, mas advindas de textos escritos (TFOUNI, 1995), podem se constituir as bases para o professor trabalhar diversos aspectos desta arte no ensino de Língua Materna na escola. Acresce-se a isso, o fato de que a linguagem usada nesses eventos pode fazer com que jovens se

interessem mais pelas aulas, visto que o objeto de ensino proposto se aproxima mais da realidade de muitos deles.

## **Considerações finais**

A partir dessas reflexões, conclui-se que diversas manifestações linguísticas e culturais podem ser usadas como instrumentos para o ensino de Língua Materna, a partir da concepção de língua(gem) como interação. Essas manifestações se constituem como textos orais ricos em arranjos linguístico-argumentativos no âmbito em que são produzidas. O *freestyle* e outras manifestações culturais da sociedade podem motivar o aluno aprender as diferentes possibilidades de uso da língua. Além disso, tal utilização poderá despertar o interesse desse aluno pelas aulas de Língua Materna, pois ele passará a olhar a escola como um lugar que também, em determinados momentos, compartilha com ele os diferentes saberes que o constituem.

A prática de ensino por meio de manifestações linguísticas, como o *freestyle*, pode constituir-se em uma prática de ensino mais dinâmica, por meio da qual um professor e um aluno, com olhares diferentes sobre a língua, podem construir uma outra forma de ensino-aprendizagem, um outro processo de formação de aluno – leitor e escritor.

## **Referências bibliográficas**

BATALHA DE MC'S FREESTYLE. Disponível em:  
<<http://www.hiphop4elementos.com/2011/01/batalha-de-mcsfreestyle.html>> . Acesso em: 06 out. 2010.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp: 2004.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio.** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. \_ Brasília: Ministério da Educação, 1999.

COPE, B.; KALANTZIS, M.\_\_\_\_\_. Multiliteracies: new literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, V. 4(3), 2009a, pp. 164-195. Disponível em:  
<<http://newlearningonline.com/kalantzisandcope/research-and-writing>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

FERRAREZI Jr, Celso. **Semântica para a educação básica.** São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**, 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

\_\_\_\_\_ Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.

HALLIDAY, M. A. K; MCINTOSH, Angus; STREVENS, Peter. **As Ciências linguísticas e o ensino de línguas.** Petrópolis: Vozes, 1974.

KLEIMAN, Angela. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna. **Signo**, v. 32, nº. 53, p. 1-25, dez. 2007.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Mariangela R., CEZARIO, Maria M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**. v.10, n.1, p. 87-108, jan./jun., 2007.

ROJO, R. H. R.. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez: 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRAVAGLIA, ———. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.